



QUALIDADE SOCIAL NA EDUCAÇÃO E RESILIÊNCIA

Iziquel Antonio Radvanskei - PUCPR¹

Humberto Silvano Herrera Contreras - Faculdade Padre João Bagozzi²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o conceito de qualidade na educação, com ênfase na qualidade social. A avaliação na educação está no centro dos debates, buscando sempre índices de maior qualidade educacional. Para tanto, é necessário entender a qualidade de maneira abrangente, visando à melhoria da vida dos indivíduos em todos os seus aspectos. O problema que orienta essa reflexão procura elucidar a qualidade social ainda não alcançada no país e a questão da resiliência como caminho de resistência dos professores e comunidades educativas frente aos desafios e enfrentamentos do cotidiano. A metodologia usada foi a análise de artigos que tratam da avaliação, da qualidade social em educação e da resiliência. Também se fez o diálogo entre os autores Silva (2009), Afonso (2010), Davok (2007), Gadotti (2009), Freire (1979) e Pinheiro (2004). Nesse trabalho compreende-se que a qualidade social na educação está ligada a um bem viver das pessoas em todos os seus aspectos a partir da comunidade escolar. A resiliência nasce quando existe o comprometimento e o enfrentamento dos problemas reais em vista de uma vida melhor.

Palavras-chave: Qualidade social. Resiliência. Cotidiano. Interpretação.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o conceito de qualidade na educação e quais os interesses envolvidos na sua conceituação. Propõe a qualidade social de um ponto de vista mais abrangente, porque não quer apenas satisfazer a questionários e critérios de governos ou organismos interessados em avaliar seus programas e investimentos. A qualidade social é a melhoria da qualidade da vida da escola, da comunidade, do país e do planeta.

O artigo também faz um elo com o projeto de pesquisa do autor e se justifica pela sua atualidade e relevância quando busca entender como os professores interpretam o seu cotidiano da sala de aula neste tempo de mudanças sociais, ambientais e políticas. Qual é a melhor postura dos educadores diante desse mundo em mutação, complexo e desafiador? Discute-se a proposta de comunidades educativas resilientes, que traçam caminhos de resistência. Nesse sentido, a resiliência é vista como a capacidade dos indivíduos de

¹ Mestrando em Educação.

² Professor.

ressignificar e continuar sendo propositivos, mesmo quando o ambiente ou situação não sofre uma mudança total, é a atitude proposta deste enfrentamento.

Essas discussões entre qualidade social e resiliência são feitas a partir dos estudos realizados na disciplina de Políticas de Avaliação Institucional, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Ana Maria Eyng (2011), no programa de mestrado e doutorado em educação da PUCPR. Também com o diálogo entre os autores Silva (2009), Afonso (2010), Davok (2007), Gadotti (2009), Freire (1979) e Pinheiro (2004).

2 CONCEITUAÇÃO DE QUALIDADE

A palavra qualidade vem do radical latino *qualitas*³, *de qualis* que quer dizer qual, de que espécie, características ou propriedades de algo. No sentido genérico o termo qualidade é utilizado de inúmeras maneiras e para várias situações, ou seja, pode-se falar de qualidade de vida, de qualidade do ensino, de qualidade de um produto, de qualidade de um atendimento, entre outros. Sempre esse termo terá fatores que orientarão uma análise e permitirão um determinado conceito, assim, ao modificar os fatores de análise, conseqüentemente, o conceito de qualidade também muda. Nesse contexto, um produto ou um serviço pode ter mais de um conceito quanto a sua qualidade, dependendo dos critérios que serão analisados. Dessa maneira, a qualidade vista tecnicamente será relacionada à análise das características de um produto ou serviço que satisfaça requisitos específicos ou necessidades específicas, ou ainda, um produto livre de deficiências. Portanto, a qualidade é um termo subjetivo que permite inúmeras conceituações, pois depende de um contexto que o justifique.

A discussão do termo qualidade ligado à educação parte do princípio do entendimento do que é educação, justamente porque o conceito de qualidade educacional analisa as estruturas, os processos e os resultados educacionais. Essa qualidade comporta a idéia de comparação: a educação será melhor, igual ou inferior dependendo qual é o objeto da comparação. Dizer que a educação tem qualidade é emitir juízo sobre seu valor e mérito (DAVOK, 2007).

Davok faz uma análise de alguns autores buscando ampliar a análise do termo qualidade em educação. Como primeira análise, parte da premissa de que *“um entendimento mais preciso do que seja ‘qualidade em educação’ é absolutamente necessário como base para orientar estudos sobre processos de avaliação da qualidade de objetos educacionais”*

³ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

(DAVOK, 2007, p. 506). Assim a autora resgata conceitos de qualidade formal e política e de qualidade acadêmica, social e educativa de Demo (1985; 2001); os conceitos de eficiência, eficácia, efetividade e relevância de Sanders (1982; 1995); e os conceitos de valor e mérito de Scriven (1991).

A análise do termo da qualidade na educação passa por dimensões, atributos e critérios de qualidade. Segundo Davok (2007, p. 513) “se o objeto educacional não tiver relevância e efetividade, ele não exibe valor; se não tiver eficácia e eficiência, ele não exibe mérito”. E agrega: “[...] por conseguinte, se um objeto educacional não tiver relevância, efetividade e eficiência, ela não exibe qualidade”.

A partir das considerações acima, organiza-se um quadro comparativo abrangente, que amplia a análise do termo qualidade.

Dimensões da qualidade			Atributos da qualidade	Crítérios de avaliação da qualidade
Áreas Social e Humanas - Demo, 2001.	Educação Superior - Demo, 1985.	Administração da Educação - Sander.	Objetos Educacionais - Scriven, 1991.	Administração da Educação - Sander, 1995.
Política	Educativa	Cultural	Valor	Relevância
	Social	Política		Efetividade
Formal	Acadêmica	Pedagógica	Mérito	Eficácia
		Econômica		Eficiência

FONTE: DAVOK, 2007, p. 512.

Nesse quadro a autora conjuga a associação dos atributos da qualidade de Scriven às dimensões da qualidade de Demo e Sander, e aos critérios de avaliação da qualidade somente de Sander. Nestas linhas, propostas pelos autores citados e associados pela autora do artigo, “*valor e mérito são condições necessárias para um objeto educacional exibir qualidade sendo efetividade e relevância condições necessárias para ele ter valor e eficiência e eficácia condições necessárias para ele ter mérito*” (DAVOK, 2007, p. 512).

Com essa conjugação de pensamentos a qualidade educacional além de ser polissêmica é abrangente. Partindo dessas discussões é necessário conceituar a qualidade social na educação, o que será exposto a seguir.

3 QUALIDADE SOCIAL NA EDUCAÇÃO

A qualidade social na educação está ligada a um bem viver das pessoas em todos os seus aspectos e a partir da comunidade escolar. Gadotti (2009, p. 1) enfatiza que:

A qualidade na educação não pode ser boa se a qualidade do professor, do aluno, da comunidade é ruim. Não podemos separar qualidade da educação da qualidade como um todo, como se fosse possível ser de qualidade ao entrar na escola e piorar a qualidade ao sair dela.

Não basta estar na escola, é preciso ter condições de estar bem e de viver bem fora dela. A instituição escolar acolhendo a todos terá a necessidade de preparar-se para ser apropriada a todos, principalmente aos mais pobres. A qualidade social é também qualidade sociocultural: *“isso significa investir nas condições que possibilitam essa nova qualidade que inclui transporte, saúde, alimentação, vestuário, cultura, esporte e lazer”* (GADOTTI, 2009, p. 3). Gadotti (2009), parafraseando Freire, diz que não basta matricular os pobres na escola - inclusão - é preciso matricular com eles a sua cultura, os seus desejos, seu sonhos e a sua vontade de ser mais.

Uma política de avaliação tem que olhar a melhoria da vida como um todo e não apenas satisfazer parâmetros transpostos do mundo dos negócios comerciais para a comunidade escolar. Nota-se uma crescente disputa, que poderia ser satisfatória, se disputasse a melhoria da vida e não apenas um melhor lugar no ranking deste ou daquele instituto ou órgão avaliador. A escola pública quando submetida somente a parâmetros deste nível sofre uma descaracterização, conforme salienta Silva (2009, p. 219):

Nas políticas sociais do país, ocorre uma transposição direta do conceito de qualidade própria dos negócios comerciais para o campo dos direitos sociais e, nestes a educação pública. A participação ativa e constante de técnicos dos organismos financeiros internacionais e nacionais na definição de políticas sociais, especificamente a educação, objeto deste estudo, demonstra a adoção do conceito de qualidade, do âmbito da produção econômica, em questões da educação e da escola, em um processo de descaracterização da educação pública como um direito social.

Dessa maneira, o ‘ranqueamento’ das escolas é um redutor da avaliação, pois nem sempre as notas e a classificação correspondem à realidade escolar, já que muitas escolas apenas seguem o roteiro básico exigido pelos órgãos responsáveis. A qualidade social é ampla e depende do grau de desenvolvimento de cada cultura escolar analisada. É um equívoco querer avaliar um país tão diverso com um receituário externo e com interesses, muitas vezes, punitivo. Se um governo avaliar a qualidade social estará se auto-avaliando. A melhoria da

escola, da educação, a sua qualidade é decorrente, muito mais da melhoria de fatores externos à escola do que dos internos.

Sobre isso, Silva (2009, p. 220) afirma que,

É preciso levar em conta que, às questões que envolvem domínio de conhecimentos, códigos, linguagens e raciocínio lógico, próprios da natureza da formação escolar, somam-se outras, como vida familiar, ambiência cultural, condições de transporte, de alimentação, acessibilidade a livros diversos, hábitos de leitura, acesso a equipamentos tecnológicos, que, juntos, constituem a amplitude da formação. Por opção política, esses últimos elementos não são considerados nos critérios de avaliação.

Maria Abadia da Silva (2009) faz uma relação dos fatores internos e externos que podem indicar a qualidade social da educação, que são elementos indicadores desta qualidade abrangente. Nos fatores externos, ela relaciona os econômicos, os socioculturais, o financiamento público e o papel dos gestores centrais. A autora ainda evidencia fatores do interior da escola que apontam a qualidade social: organização do trabalho pedagógico e gestão da escola; os projetos escolares; as formas de interlocução da escola com as famílias; o ambiente saudável; a política de inclusão efetiva; o respeito as diferenças e o diálogo como premissa básica; o trabalho colaborativo e as práticas efetivas de funcionamento do colegiados e/ou conselhos escolares.

O estudo de Silva é instigador porque cada um dos termos explicitados, dependendo do seu contexto, pode gerar interpretações diferenciadas, mesmo o termo qualidade social na educação precisa ser mensurado com muito critério. Assim, pode ter fatores indicativos, mas não ter condições de ser uma receita, uma tabela que basta ter os quesitos respondidos e comparados. Nos lugares de maior pobreza e maiores carências estruturais, os gestores públicos deverão investir mais na melhoria externa, para, depois, exigir a melhoria interna. Esse diálogo é necessário e tenso, pois sempre interesses estarão envolvidos.

Almerindo Janela Afonso, avaliando as políticas educativas e a auto-avaliação das escolas portuguesas, ressalta a necessidade desse diálogo entre sujeitos externos e internos da escola para que se possa construir de fato uma escola que responda às exigências macro e esteja plenamente inserida na sua realidade local, contribuindo para a construção de uma vida melhor para todos. Para que exista uma construção comprometida é necessário levar em conta as tensões internas e externas, os interesses e as relações de poder. Para o autor:

Sendo a escola pública um espaço onde se actualizam relações de poder, conflito e negociação, e um lugar onde se expressam interesses e perspectivas divergentes, e objetivos frequentemente não consensuais, não é fácil construir formas de auto-

avaliação autônomas que sejam estruturadas tendo como base processos de flexibilidade, ainda que esses processos favoreçam o desenvolvimento crítico e criativo dos professores, educadores e outros actores educativos (AFONSO, 2010, p. 357).

Em síntese, a construção da qualidade social necessita da construção de um ambiente político, econômico, cultural que permita à escola ser agente de melhoria de vida a todos os envolvidos com ela. A qualidade social é a melhoria do planeta, do país, da comunidade e não apenas índices propagandistas de governos:

Os paradigmas clássicos da educação, fundados numa visão industrialista predatória, antropocêntrica e desenvolvimentista, estão se esgotando, não conta de explicar o momento presente da educação e de responder às suas necessidades futuras, necessitamos de outros paradigmas, fundados numa visão sustentável do planeta terra (GADOTTI, 2009, p.11).

Uma nova interpretação do planeta faz-se necessária e essa nova proposta trará menos sofrimentos aos seres humanos, aos professores e alunos, a toda vida da Terra. Só existem três cenários para a humanidade: o primeiro: o ser humano continua sendo a medida de todas as coisas, como uma criança mimada que tem de satisfazer seu ego e conseqüentemente leva-se o planeta a falência; o segundo: o homem voltar maciçamente para a natureza, mas esse cenário precisaria de uma baixa enorme na demografia; o terceiro cenário: é o ser humano assumir a sua vocação e missão no planeta, um ser humano adulto e responsável, usando seu conhecimento para construir uma nova interpretação da natureza (HALEVY, 2010, p. 22-23).

A qualidade social conjuga a sustentabilidade, que é o sonho de viver em equilíbrio dinâmico com o outro e com o meio ambiente. É um diálogo mais harmonioso entre diferentes em vista de qualidade de vida para o todo. Para HALEVY (2010, p. 12) “*Educar para uma vida sustentável é educar para a simplicidade voluntária e para a quietude*”. A educação com qualidade social constrói e reconstrói novos e antigos valores: “*simplicidade, austeridade, quietude, paz, serenidade, saber escutar, saber viver juntos*”. Para um olhar ingênuo podem parecer apenas palavras, no entanto, é a luta da humanidade desde a filosofia grega e a busca da sabedoria e da interpretação concreta e real do cotidiano, até os nos movimentos de fuga ou revolucionários ao longo da história, voltando hoje com muita força num mundo virtualizado, precisando de novas utopias e projetos sustentáveis.

4 INTERPRETAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR RELACIONANDO A QUALIDADE SOCIAL E À RESILIÊNCIA

A interpretação do cotidiano da escola é feita pela comunidade escolar envolvida e analisada por diferentes instrumentos de avaliação. A avaliação, quando focada em resultados quantitativos e para satisfazer a programas externos e aos organismos internacionais, pode mascarar e ser contraproducente. Quando exige resultados em provas pontuais, sem uma melhora da qualidade da vida dos docentes e dos alunos é insuficiente e incompleta.

A cobrança por resultados de excelência é nociva quando desligada da vida cotidiana do professor. Um professor com uma carga horária excessiva, embora necessária para seu sustento, já que seu salário não lhe permite trabalhar menos, tendo que ser avaliado por critérios que não levem em conta toda a gama de cobranças e exigências a que está submetido, será sempre avaliado como o principal culpado pelo baixo desempenho dos alunos.

O estudo e a proposta da qualidade social como grandes metas da avaliação levantam questionamentos de quais virtudes poderiam ser instigadas ou aprimoradas na vida do docente, que lhe desse suporte diante de tantas exigências e cobranças. A espiritualidade ou a mística⁴ do professor é um dos pontos fortes nesse instrumental de resistência. Então, a espiritualidade para ser analisada na vida do professor precisa de virtudes que ganham nomes como: causa, comprometimento, resistência, empoderamento e também resiliência.

O termo resiliência define-se pela propriedade física que alguns corpos apresentam de voltarem a sua forma original após terem sofrido uma deformação elástica (HOUAISS, 2001). Seria mesmo que esticar um elástico e depois de soltar uma das pontas ele voltar ao estado original. Esta é uma conceituação original do termo atribuído à física, que estuda até que ponto o material sofrendo impacto não se deforma. O conceito pode ser ampliado e aplicado tanto a pessoas quanto a materiais. Pinheiro (2004, p. 68) ao analisar a etimologia da palavra resiliência, afirma: “Do latim *resilens*, significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper. Pela origem Inglesa, *resiliens* remete a idéia de elasticidade e capacidade rápida de recuperação”.

Essa mesma capacidade pode ser estudada na atuação dos professores no cotidiano da sala de aula. Não seria o fato de fazer um estudo de como um professor é mais resiliente do que o outro diante das situações e provocações do cotidiano, mas como eles interpretam esse

⁴ A espiritualidade/mística tem sentido de sopro animador, força vivificadora, “aquilo que vivifica a alma, a matéria de que se serve e confere impulso finalista à faculdade do sentimento e a insere num jogo que se alimenta de si mesmo e fortifica as faculdades de que resulta” (ABBAGNANO, 2007, p. 412) E também como “uma noção de nós mesmos identificados com outros e com o mundo”, nesta concepção de Solomon a espiritualidade compreende o “amar, a confiança, a reverência e a sabedoria, bem como os aspectos mais terríveis da vida, a tragédia e a morte” (SOLOMON, 2003, p. 33). A espiritualidade tomada neste artigo é o processo de desenvolvimento do professor e busca da superação das dificuldades.

contexto em mutação. A resiliência aplicada à qualidade social na educação deve partir do entendimento da dinâmica de como estes fenômenos se conjugam no dia a dia da escola:

É necessário buscar o entendimento das respostas sadias e adaptativas dos indivíduos em situações estressantes ou adversas, ao invés de identificar fatores de risco e etiologia dos problemas; portanto, entender a dinâmica e não somente os fatos etiológicos (PINHEIRO, 2004, p. 72).

Algumas pesquisas recentes apontam novos rumos para o estudo da resiliência, por exemplo, focando a interpretação dada pelos indivíduos frente as adversidades. “*Desta forma, a reflexão e a interpretação tornam-se características fundamentais nas pessoas resilientes*” (PINHEIRO, 2004, p. 73). Os professores são afetados por essas adversidades no seu cotidiano, por conta do tempo e suas mudanças: exige-se mais dos professores, pressão da sociedade, da família, novas tecnologias que precisam ser integradas na sala de aula, menor valorização do professor, mudança dos conteúdos curriculares, escassez de recursos, baixo investimento dos governos em educação, mudanças na relação professor aluno, fragmentação do trabalho docente, entre outras. Diferentemente do elástico, se resistem aos novos contextos, esses professores voltam para o estado anterior diferentes, estão experimentados ou experimentando essas provocações, e podem mudar rumos da sua prática. São vários fatores que afetam o professor:

Fatores de primeira ordem, os que incidem diretamente sobre a ação do professor na sala de aula, modificando as condições em que desempenha o seu trabalho, provocando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas que constituem a base empírica do mal-estar docente. Os fatores de segunda ordem referem-se às condições ambientais, ao contexto em que exercem a docência. Esse segundo grupo de fatores tem uma ação indireta, afetando a motivação e a implicação do professor (ESTEVE, 1995, p. 99).

A resiliência parece uma capacidade comum do ser humano, no entanto poucos homens e mulheres conseguem aprender com os erros e modificarem suas práticas. É mais comum gerar um estado interior de lamentos ou então de fechamento frente às situações similares ou desafiadoras. Existe também o desenvolvimento da apatia frente a situações idênticas vividas pelo indivíduo ou por um grupo de indivíduos. Quantas situações poderiam ser combatidas ou evitadas se os envolvidos simplesmente fizessem a transferência dos saberes adquiridos em outras situações, em outros tempos para o cotidiano?

Um pensamento de Paulo Freire elucidava muito bem essa pergunta: “*A verdadeira humanização do homem há de ser realizada na história e não na interioridade da*

consciência. Se a realidade impede o homem de se humanizar, a ele cabe mudar essa realidade” (FREIRE, 1979, p. 26). O cotidiano da vida, a realidade do dia a dia não pode ser local de apatia ou de fugas, pois o amadurecimento, o crescimento dos envolvidos acontece com o enfrentamento dessa realidade. Nem sempre esse enfrentamento gera grandes mudanças, às vezes elas são bem pequenas ou pelo menos o resultado é insignificante frente ao desafio dos fatos acontecidos. Todavia, esses enfrentamentos e essas pequenas conquistas são necessários para a evolução das pessoas, das sociedades em geral.

Quando acontece a reflexão e a interpretação do cotidiano, abre-se caminho para a conscientização. Visto que,

A conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece (FREIRE, 1979, p. 26).

O material oferecido pela vida e disponível no cotidiano é gerado por vários fatores e situações políticas, culturais, sociais e ambientais, entre outros. É a partir deste material que a hermenêutica abre caminho para a resiliência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A centralidade que a avaliação tem vindo a assumir nas últimas décadas, em múltiplos contextos nacionais, não dá sinais de declínio e, pelo contrário, parece expandir-se para domínios muito diferentes, para além da educação” (AFONSO, 2010, p. 343). Dessa maneira, a avaliação pode ser usada para medir, punir, comparar e conceituar uma pessoa, um serviço ou um produto e o valor que emerge é a qualidade. Este artigo buscou definir a qualidade na avaliação educacional, analisando a qualidade social como mais abrangente, que os quesitos avaliados pelos governos atualmente, cuja capacidade é de fazer a comunidades escolares interna e externamente enfrentar os problemas e encontrarem maneiras de resolvê-los ou superá-los.

A qualidade é um termo polissêmico, que pode ser usado em inúmeras situações e para inúmeros objetivos. A qualidade social na educação é alcançada quando a vida de toda a comunidade escolar e da comunidade ao seu redor estiver sendo melhorada. Essa nova

situação é capaz de ensinar a produção/manutenção da vida, o cuidado das pessoas, a luta por um país melhor, assim como o cuidado pela casa comum:

É o sonho da inclusão de todos na família humana, morando juntos na mesma e única casa comum, a terra, o sonho da integração de todas as culturas, etnias, tradições e caminhos religiosos e espirituais no patrimônio comum da humanidade, o sonho de uma nova aliança dos humanos com os demais seres vivos da natureza, entendendo-os verdadeiramente como irmãos e irmãs na imensa cadeia da vida, da qual somos um elo entre os outros, o sonho de uma economia política do suficiente e do decente para todos, também para os demais organismos vivos (BOFF, 2009, p. 24).

Uma avaliação focada na qualidade social terá que respeitar inúmeros fatores e envolver a comunidade escolar, os gestores públicos e criar condições de melhoria de tudo aquilo que interfere na vida das pessoas.

Os professores inseridos nesse cotidiano enfrentam e interpretam as provocações e desafios que emergem na sua prática cotidiana. Estes profissionais sofrem com a violência, com o tráfico, a morte, a poluição, a doença, a prostituição, a discriminação, a apatia, o tédio, a desvalorização do seu trabalho, a cobrança dos gestores por atitudes propositivas e que “salvem” o país, a família, o planeta.

Os professores vivenciados em comunidades educativas resilientes terão maiores condições de refletir e interpretar seu cotidiano, buscando soluções que respondam as demandas locais e focadas em melhorais globais.

A escola, muitas vezes, vê-se envolvida em eventos trágicos, como o assassinato de 12 crianças na escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro (07/04/2011) e por motivos que agora tentam ser explicados; temos milhares de escolas que sofrem por violência, por vandalismo, ameaça a professores, por desinteresse e problemas afins. Os profissionais envolvidos nestes eventos ou resistem ou desistem da sua tarefa educativa. A educação resiliente é comprometida com a construção de sociedades com qualidades sociais excelentes. A promoção da resiliência na comunidade escolar contribui para:

(a) estabelecimento de vínculos de sociabilidade, atitudes e comportamentos positivos entre professores e alunos, evitando isolamento social que poderia gerar a violência e a discriminação; (b) o fortalecimento de uma estratégia essencial frente à rapidez com que surgem as informações, os avanços tecnológicos, as mudanças sociais e o estresse que atesam as necessidades e dificuldades da vida moderna, exigindo do docente um desenvolvimento profissional para responder aos variados e crescentes desafios que enfrentam; (c) uma posição favorável do professor para identificar e ajudar os alunos enfrentarem problemas e dificuldades, evitando consequências prejudiciais à saúde e ao bom desempenho da escola; (d) criar meios de fortalecer a saúde dos estudantes e professores, desenvolvendo o lado positivo de

seu desempenho e a sua proteção; (e) criar estratégias para valorizar uma atuação dialógica e de negociação de conflitos, o que é altamente significativo em relação à prevenção da violência interpessoal (HANDERSON; MILSTEIN, 2005 *apud* FAJARDO, 2010).

A interpretação desse horizonte desafiador e o enfrentamento desses desafios se faz a partir de atitudes resilientes, que é a capacidade de sofrer e ressignificar para continuar o trabalho. Esse continuar não é mais a partir de uma atitude descompromissada, mas propositiva e transformadora. A resiliência é a atitude proposta como caminho interpretativo. Em um sentido geral a resiliência proposta neste artigo é entendida como:

Uma balança equilibrada: de um lado os eventos estressantes, as ameaças, os perigos, o sofrimento e as condições adversas, que levam a vulnerabilidade, e, do outro, as forças, as competências, o sucesso e a capacidade de reação e enfrentamento, que fazem parte do indivíduo que pode ser chamado de invulnerável ou resiliente (PINHEIRO, 2004, p.72).

Comunidades escolares resilientes geram a qualidade social interna e externamente. O enfrentamento do cotidiano deve focalizar a fuga da apatia ou do tédio, construindo um caminho de superação na busca de uma comunidade escolar comprometida com uma vida melhor para si e para todos que dependem ou não dela.

Enfim, a capacidade de amar, de trabalhar, de ir além do óbvio, de ter um projeto de vida. Tudo isso alicerçado num sentido da vida, nascido do aprendizado do viver, é alicerce para educar-se para resiliência individual e grupal. Desse alicerce se alçam projetos de uma verdadeira qualidade de vida e para toda vida.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AFONSO, Almerindo Janela. Políticas educativas e auto-avaliação da escola pública portuguesa: apontamentos de uma experiência. In: **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v.21, n. 46, p. 346-362, maio/agosto, 2010.

BOFF, Leonardo. **Ética e Moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DAVOK, Deise Fries. **Qualidade em educação**. Avaliação (Campinas), set. 2007, vol.12, n., p.505-513.

ESTEVE, José M. Mudanças sociais e Função docente. In: NÓVOA, A. (org) **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. de S.; MOREIRA, C. O. F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. In: *Aval. Pol. Públ. Educ.* Rio de Janeiro, v. 18, n.69, p. 761-774, out/dez. 2010.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo. Cortez e Moraes. 1979.

GADOTTI, Moacir. **A qualidade na Educação**. In: IV Congresso Brasileiro de Ens. Sup. a distância. São Luiz do Maranhão (MA). 2009. (versão digital) Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000158>>. Acesso em: 20/02/2012.

HALÉVY, Marc. **A era do conhecimento: princípios e reflexões sobre a no ética no século XXI**. São Paulo. Ed. Unesp. 2010.

HOUAISS. **Dicionário de língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Objetiva. 2001.

PINHEIRO, Débora Patrícia N. A resiliência em discussão. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá v.9, n.1, p.67-75, 2004.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para cééticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Maria Abádia da. Qualidade Social da Educação Pública: algumas aproximações. In: *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 29, n. 78, p. 216-226, maio/ago. 2009.